

# A formação de regentes de corais em igrejas evangélicas: procedimentos iniciais de uma netnografia em Educação Musical

Carlos Renato de Lima Brito  
renato.brito@ufca.edu.br

## Comunicação

**Resumo:** As igrejas evangélicas são espaços de formação em música. Muitos regentes de corais iniciaram suas atividades nos templos de igrejas evangélicas e atuam profissionalmente nas mesmas. Este trabalho descreve uma pesquisa em andamento que investiga a formação de regentes de corais em igrejas evangélicas. A metodologia adotada para a pesquisa é a etnografia virtual ou netnografia (KOZINETS, 2014; WALDON, 2011,2012), em que um grupo do site Facebook é utilizado como meio eletrônico da coleta de relatos de experiência e narrativas dos regentes participantes da pesquisa. A pesquisa se utiliza dos conceitos de formação (RAMALHO; ÑUNEZ; GAUTHIER, 2004; FLORES; CARVALHO; SILVA, 2016), cultura (GEETZ, 1989) e cibercultura (LÉVY, 1999) para compreender como se dá o processo de profissionalização desses agentes da educação musical, que lidam com a prática do canto coletivo. Resultados iniciais mostram a utilidade da netnografia para o entendimento da formação desses regentes e a relação entre a aquisição de conhecimentos pedagógicos e musicais com o espaço cultural e religioso das igrejas evangélicas.

**Palavras chave:** netnografia; regência de corais; igrejas evangélicas.

## Introdução

As igrejas evangélicas são espaços de formação em música. Nos templos dessas igrejas é possível encontrar práticas pedagógico-musicais propostas em cursos de prática instrumental (BRITO, 2016), em grupos musicais (RECK, 2013) e na liturgia dos cultos (NOVO, 2015). As igrejas evangélicas podem manter corais e ministérios de louvor, nos quais cantores e instrumentistas aprendem música de modo interativo e interconexo, vivenciando atividades próprias da compartilha de conhecimento. Na vida em comunidade das igrejas evangélicas, relacionam-se fé e música nas atividades mais formais, relacionadas a seus rituais religiosos, e nos momentos de descontração fraternos e familiares.

Nesses espaços, agentes de práticas pedagógico-musicais, como os regentes de corais, podem adquirir formação inicial e continuada em diversos aspectos de suas atividades artísticas e pedagógicas. Os regentes podem ter seu primeiro contato com o canto coral, quando decidem atuar como cantores, atraídos ao coral por uma apresentação, por uma amizade ou

por um incentivo da liderança da igreja. Uma vez no coral, tendo adquirido conhecimentos do repertório, com alguma influência no grupo, bem como conhecimentos relacionados à gesticulação e à dinâmica das apresentações, os regentes de corais podem iniciar suas atividades como regentes, substituindo o regente principal ou até assumir a regência do coral na falta de outra pessoa com mais experiência. As igrejas com maior quantidade de membros e mais consolidada estrutura administrativa chegam a oferecer oportunidade de emprego para regentes de corais, contratando-os para desempenho da função.

Em contraste com essa dinâmica e presença de corais e regentes nas igrejas evangélicas, consta a carência de espaços formais de ensino de regência coral que proporcionem uma formação multiplicadora e mais contextualizada. Apesar da presença dos cursos de bacharel e licenciatura em música no país e do esforço de instituições como a FUNARTE<sup>1</sup>, que tem realizado por anos os Painéis de Regência Coral pelo Brasil (LAKSCHEVITZ, 2016), a demanda por mais regentes de coral parece continuar alta. Além disso, parece haver diferenças entre o contexto musical e pedagógico presente nas igrejas evangélicas e as práticas e repertórios contidos nos templos e nas casas de oração. As igrejas evangélicas parecem seguir proporcionando um espaço significativo de formação de músicos, educadores musicais e regentes, para suprir suas demandas de música e adoração (KEER; KEER, 2003; SILVA, 2010; OLIVEIRA; SANTOS, 2011; BRITO, 2013a, 2013b, 2014, 2016; NOVO, 2015).

Diante disso, emerge a seguinte questão: Como se dá a formação dos regentes de corais em igrejas evangélicas?

Este trabalho descreve uma pesquisa em andamento, delineando os procedimentos adotados inicialmente para toda pesquisa e indicando os resultados iniciais, obtidos na primeira fase da investigação. A pesquisa utiliza procedimentos metodológicos da netnografia (WALDON, 2011, 2012; KOZINETS, 2014) e da etnografia aplicada à Educação Musical (KRUEGER, 1987). O objeto de estudo da pesquisa é a formação do regente de corais nas igrejas evangélicas brasileiras. A pesquisa tem sido realizada a partir de comunicação mediada por computador (CMC), utilizando os recursos eletrônicos presentes na comunidade virtual chamada “Regência de Corais na Igreja Evangélica”, criada por mim no site Facebook. Os

---

<sup>1</sup> A FUNARTE (Fundação Nacional de Artes) é uma instituição ligada Ministério da Cultura do governo federal brasileiro que tem promovido ações de formação nas diversas áreas das manifestações artísticas.

regentes participantes da pesquisa moram em cidades diferentes do Brasil: Juazeiro do Norte, Crato e Fortaleza, CE; João Pessoa, PB; Belém, PA; Manaus, AM; e São Paulo, SP; Curitiba, PR. O grupo conta agora com vinte e oito participantes. Para este trabalho, foram destacadas as participações dos regentes nas discussões de questões pontuais, relacionadas ao cotidiano dos regentes em igrejas evangélicas. A netnografia tem se mostrado uma abordagem metodológica útil para a pesquisa. A seguir aponto os objetivos da pesquisa.

## Objetivos

### Objetivo Geral:

Investigar a formação de regentes de corais em igrejas evangélicas no Brasil a partir de uma netnografia da comunidade virtual Regência de Corais na Igreja Evangélica.

### Objetivos Específicos:

- Refletir sobre o conceito de formação e suas contribuições para compreensão da atividade dos regentes de corais nas igrejas evangélicas brasileiras;
- Analisar a partilha de conhecimento realizada no grupo Regência de Corais na Igreja Evangélica de uma rede social, a respeito dos aspectos relacionados à formação dos regentes de corais participantes da pesquisa;
- Propor um cenário contextualizado de formação de regentes de corais, que venha contribuir para um entendimento mais acurado da aprendizagem de música e da formação de agentes pedagógico-musicais que atuam com o canto coletivo.

## Referências teóricas

Teixeira (2005), em sua pesquisa a respeito da formação de regente de corais em empresas, adota o conceito de formação profissional de Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004). Segundo esses autores formação consiste no “processo permanente de aquisição, estruturação e reestruturação de condutas, saberes, habilidades, ética, hábitos inerentes ao desenvolvimento de competências para o desempenho de uma determinada função profissional” (RAMALHO; NUÑEZ; GAUTHIER apud TEIXEIRA, 2005, p. 16). Teixeira considera a formação do regente à luz de uma função social, relacionando-a ao trabalho e ao mercado. A formação acontece em movimento, passando por recorrentes mudanças, em que o regente

adquire novos saberes e organiza esses saberes, considerando suas necessidades e situações laborais. Como Teixeira (2005) está lidando com o contexto empresarial da atuação do regente, esse conceito de formação lhe parece adequado (TEIXEIRA, 2005, p. 21).

Também relacionam a formação à profissão os autores Flores, Carvalho e Silva (2016). Eles definem formação como “‘desenvolvimento profissional’ num sinal de ‘evolução e continuidade’, permitindo ir mais além da habitual justaposição entre formação inicial e formação contínua, entre momentos não diferenciados e não conexos” (FLORES; CARVALHO; SILVA, 2016). Esse conceito de formação procura desconstruir a noção de aquisição de conhecimentos em pontos distintos que não tenham ligação entre si. A formação acontece num contínuo de três fases interligadas: formação inicial, indução profissional e formação contínua. Pensando na formação de professores, os autores propõem que a fase de formação inicial aconteça na instituição formadora, como nos cursos de licenciatura. A fase de indução profissional seria constituída dos primeiros contatos com o meio profissional; no caso dos professores, os estágios supervisionados, a sala de aula e a escola. A terceira fase de formação se dá com o profissional já iniciado e perdura por toda a vida, também chamada *lifelong learning*. A formação se caracteriza pela evolução profissional e pelo desenvolvimento dinâmico e, de acordo com os autores, deve ser alvo de reflexão e de ações programadas, visando melhoria do estatuto profissional (FLORES; CARVALHO; SILVA, 2016).

Considerando que a formação dos regentes será investigada a partir do que os mesmos compartilham em uma comunidade virtual, julguei importante considerar os conceitos de cultura, cibercultura e comunidade virtual. Adoto o conceito de cultura elaborado por Clifford Geertz no seu livro *Interpretação das Culturas* (1989). Sobre esse conceito, o autor escreve:

O conceito de cultura que defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEETZ, 1989, p. 4).

A partir desse conceito Geertz propõe uma “descrição densa” dos elementos culturais, considerando seus significados a partir de construtos internos, que fazem sentido para o

agrupamento humano específico. Esse conceito de cultura pode ser transposto para interpretação das comunidades e grupos sociais, cujas redes de relações humanas também se encontram ou apenas se encontram em espaços virtuais, os chamados ciberespaços.

Para a realização de etnografias em espaços virtuais, deve-se considerar o conceito de cibercultura. Para Pierre Lévy, a cibercultura é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 16)”. Ressalto, portanto, não ser a cibercultura uma mera ocupação de espaços virtuais por culturas *offlines*. Nas ciberculturas há uma ressignificação de teias semânticas de culturais. Nesse ponto, Kozinets (2014) afirma que a cibercultura pode ser entendida como cultura, na definição proposta por Geertz (1989), levando em consideração que ela se manifesta nos meios digitais e cresce por conta da ampliação do ciberespaço. Nesse conceito, a cibercultura, por um lado, não seria algo novo, é um fenômeno humano, mediado pela linguagem e sustentado por sistema de símbolos. Por outro lado, a cibercultura é única, considerando os meios tecnológicos que ela utiliza. Lévy (1999) afirma que a comunicação mediada por computador (CMC) é mais significativa que a comunicação mediada por telefone, invenção que marca um avanço nas telecomunicações da segunda metade do século XIX, já que a comunicação computador tem permitido mais interatividade, maior troca de informação, aproximando-se da situação face a face.

Também é importante para esta pesquisa o conceito de comunidade virtual. Citando Rheingold, Kozinets afirma que comunidade virtual são:

Agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende [...] discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamento pessoais no ciberespaço” (RHEINGOLD apud KOZINETZ, 2014).

Kozinets ressalta também que pessoas reais é que se reúnem no ciberespaço para se relacionar, compondo uma comunidade real. Waldon (2011, 2012) propõe ao estudar uma das comunidades virtuais de inscritos no site Banjo Hangouts, que se considere na pesquisa tanto o contexto *online* como o contexto *offline* dos participantes (WALDON, 2011, p. 35). Estudos têm

demonstrado que as comunidades virtuais tendem a reforçar os relacionamentos *offline* e gerar interesse por encontros presenciais (WALDON, 2011, 2012; KOZINETZ, 2014).

## Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada na pesquisa se baseia em procedimentos da etnografia e da netnografia. De acordo com Amaral, Natal e Viana (2008):

A etnografia é um método de investigação oriundo da antropologia que reúne técnicas que munem o pesquisador para o trabalho de observação, a partir da inserção em comunidades para pesquisa, onde o pesquisador entra em contato intra-subjetivo com o objeto de estudo (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 35).

Assim, a etnografia é utilizada para buscar os sentidos presentes nas culturas, encontrados nos grupos humanos, a partir de uma inserção do pesquisador no meio a ser estudado. Seguem os autores explicando que a netnografia ou etnografia virtual diz respeito “a transposição” da etnografia para o estudo de comunidades cuja comunicação é mediada por computador (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 35).

A etnografia virtual foi o procedimento metodológico escolhido para a pesquisa, porque leva em conta uma partilha de saberes presente no cotidiano de regentes de corais que fazem parte de uma mesma comunidade, as igrejas evangélicas. Esses participantes formam, por assim dizer, uma comunidade *off-line* e *online*. Eles se encontram em festivais, congressos, concertos e semanas de música eventuais, tendo alguns deles feito cursos de formação em música nas mesmas instituições. Aliado a esse fato, eles fazem parte de comunidades virtuais, que estreitam os vínculos entre esses regentes e proporcionam a troca de conhecimentos a distância.

Outra razão por que metodologia da etnografia virtual é adequada a esta pesquisa é que a formação para a regência dos participantes da pesquisa será estudada a partir do que for retratado no ciberespaço “Regência de Corais nas Igrejas Evangélicas”, considerando o que postam os participantes da pesquisa. Esta pesquisa está aqui delineada como a pesquisa *online* de uma comunidade de regentes de igrejas evangélicas, como caracteriza Kozinets (2014, p. 65).

À luz da netnografia empregada por Kozinets (2014) e Waldon (2011, 2012), tenho proposto para realização de toda a netnografia os seguintes procedimentos:

- Coleta inicial de dados, a partir da promoção de enquetes, discussões a respeito de questões relacionadas ao cotidiano da regência, postagem de partituras, vídeos, fotos e comentários, no grupo Regência de Corais nas Igrejas Evangélicas do site Facebook, no qual atuo como mediador e administrador;
- Pesquisa bibliográfica em textos e autores quem tratem a respeito do conceito de formação;
- Realização de entrevistas semiestruturadas, adotando orientações da entrevista compreensiva proposta por Kauffmann (2013), todas mediadas por computador;
- Transcrição literal com fala coloquial das entrevistas (GIBBS, 2009, p. 32);
- Codificação e categorização dos dados (GIBBS, 2009);
- Análise do material organizado (KAUFFMANN, 2013; GIBBS, 2009; BODGAN; BIKLEN, 1994);
- Escrita de relatório de pesquisa.

Atualmente, a pesquisa se encontra na primeira fase de procedimentos metodológicos descritos acima. A seguir descrevo alguns dados colhidos e breves discussões a respeito dos mesmos.

## Resultados Iniciais

Para colher informações iniciais a respeito da formação dos regentes participantes do grupo “Regência de Corais na Igreja Evangélica”, optei por fazer perguntas em postagens minhas. Depois de um tempo de observação e tentativas de algumas estratégias de coleta de dados, notei que os comentários às postagens produziam observações e discussões mais interessantes e pertinentes ao tema da regência de corais. Os resultados apresentados neste trabalho estão categorizados de acordo com essas postagens, colocadas em forma de perguntas no grupo. Alguns assuntos geraram mais comentário e discussões do que outros. Das postagens realizadas, escolhi três para destacar aqui. Para manter todas as identidades anônimas, decidi chamar os regentes participantes pelas letras do alfabeto e omitir também o nome das igrejas citadas, as quais chamo *Igreja* no decorrer do texto. Também procurei não



fazer correções de pontuação ou ortografia, deixando o texto tal como foi escrito no comentário da postagem. Preferi deixar nos comentários citados dos regentes expressões próprias das cibercultura e redes sociais, como descrições de emoções e reações (como “rs”, para risos).

### **O começo da regência na Igreja**

Diante da pergunta “Como foi que você começou a reger corais na Igreja?”, as respostas dos regentes foram variadas. A Regente A se expressou da seguinte maneira: “Na *Igreja* tivemos, por muitos anos, o auxílio precioso de missionárias dedicadas ao ministério musical. Iniciei o exercício da regência em momentos de ausência dessas missionárias, o famoso ‘tapa buraco’”. Na fala da Regente A, é possível notar que a regência de corais pode ser iniciada a partir da atuação de um regente assistente, que entra em cena no lugar do regente principal.

Dois regentes destacaram que a participação em eventos como congressos, festivais ou semanas de música motivou os mesmos a regerem corais na Igreja. O Regente B compartilhou o seguinte:

Tive a oportunidade de reger alguns corais na *Igreja*. Há muito tempo não se tinha um trabalho desse tipo lá e depois de minha primeira experiência na semana de música em 2009 resolvi, mesmo inexperiente, me "arriscar" (rsrs). Escolhi alguns louvores que tive acesso, a arranjos para coros, e simplesmente convoquei os irmãos a participarem. Foi uma ótima experiência tanto para mim como para alguns irmãos que há muito tempo não cantavam em grupos corais. De lá pra cá tenho tentado aperfeiçoar a prática de regência em grupos na universidade, na escola que trabalho e sempre que tenho oportunidade (REGENTE B).

Na fala do Regente B, a participação em uma semana de música motivou o mesmo a tomar iniciativa em sua comunidade. Ele escolhe um repertório, recruta cantores e enfrenta a rotina de ensaios. Para ele, essa empreitada era um risco, um desafio a ser vencido. De acordo com a visão do Regente B, a composição do coral, como primeira experiência de regência, tornou-se positiva para ele e para os integrantes de seu primeiro coral.

O Regente C também destaca a importância da Semana de Música para o ingresso dele na atividade de regência de corais na igreja evangélica. Ele narra: “Não tinha conhecimento algum de coral. A semana de música foi um instrumento usado por Deus na minha vida. Em



2011 comecei o coral da minha igreja e tem sido uma bênção. Amo reger coral” (REGENTE C). Na fala do Regente C, também destaco a religiosidade, manifesta na atribuição a Deus dos benefícios trazidos pela semana de música na trajetória de vida do regente.

Ambos os relatos apontam para papel significativo desempenhado por eventos e programações que, tendo um caráter sazonal, podem marcar a vida dos regentes, colocando-os em contato com o canto coletivo e com outros regentes que, com anos de experiência, podem lhes servir como modelos. Na falta de um curso preparatório para regência de corais com carga horária mínima, programado de modo mais contínuo durante anos ou meses letivos, tais festivais e/ou semanas de música podem ser multiplicadoras da prática coral.

Para o Regente D, o envolvimento com os ministérios da Igreja foi importante para o ingresso dele na empreitada coral. Ele compartilha:

Comecei por acaso. Era o pianista e seminarista estagiário de uma igreja em São Paulo. O pastor pediu que iniciasse um coro, e lá fui eu. Amei o "negocio", me formei "negocio" e até hoje procuro me aprofundar nessa arte. Amo coros (REGENTE D).

Acrescenta-se à formação do Regente D o fato de ele ter feito uma graduação em regência, depois de ter começado na Igreja. Semelhante ao Regente C, o Regente D declara amar a prática coral, o que indica a inclusão do afeto ao exercício de uma atividade profissional. O afeto está presente no aprofundamento da relação do Regente D com o canto coral. Também é destacável que o Regente D diz amar “coros”, com foco no grupo. O Regente D não diz amar a “regência”, com foco na atividade.

### **O papel da técnica vocal**

A questão da técnica vocal utilizada no Canto Coral da Igreja Evangélica foi introduzida por mim no grupo com a seguinte pergunta: “Qual é papel da Técnica Vocal no Canto Coral da Igreja?”. Procurando esclarecer melhor a questão, fiz um comentário na mesma postagem: “Já ouvi um colega dizer que um pastor não gostou dos exercícios empregados no aquecimento e pediu que o regente não usasse na Igreja as mesmas técnicas que se usa na Escola de Música”. O Regente E perguntou: “Alguma explicação foi dada pra essa decisão?”. Eu expliquei, comentando minha própria postagem: “Na ocasião, esse meu amigo relatou que o pastor não gostava de exercícios de relaxamento, movimentações para desinibir o coro, etc. O contexto

era de uma Igreja bem tradicional”. O Regente F, comentou também: “Eu também já presenciei algo parecido. É lamentável!!!”.

A postagem e a discussão que seguiu pode suscitar duas discussões. A primeira discussão diz respeito a necessidade de os regentes de corais contextualizarem suas práticas à luz dos espaços que ocupam. Uma prática, uma interpretação, um repertório e uma gesticulação podem ser bem aceitos em um contexto e mal vistos em outro contexto. O grau de aceitação dependerá dos costumes e dos valores da comunidade em questão. Os líderes ou representantes daquelas comunidades poderão se manifestar contrários a certas práticas. Algumas comunidades religiosas podem se opor a uma “inclusão do corpo” na prática religiosa. Os regentes que se manifestaram fazendo comentários se opuseram a esse valor. Isso pode indicar que nas Igrejas Evangélicas podem conviver visões contrárias quanto algumas práticas artísticas e técnicas do canto coletivo.

A segunda discussão diz respeito a necessidade de conscientização do coral a respeito dos benefícios físicos e artísticos que o emprego da Técnica Vocal bem fundamentada pode trazer para o coro. Eu comentei na discussão da postagem que “quando um coral não tem muito costume com o aquecimento e não passou por um trabalho de conscientização, os coristas também ficam resistentes ou chegam depois do aquecimento de propósito”. Se o coral recebe orientações específicas, como a palestra de um especialista, a leitura de um livro e a exposição de um vídeo, o grupo tende a ser mais receptivo e se engajar mais nos exercícios técnicos.

### **A desafinação vocal**

Para a pergunta “o que você faz quando nota uma pessoa no coral que é completamente desafinada?”, o Regente F comentou:

Nesse caso, eu imagino que a pessoa já faz parte do coral e precisamos saber lidar com a situação. Um trabalho à parte é fundamental para ajudar na solução do problema. Enquanto isso eu controlo o volume da voz de tal pessoa para que ele possa ouvir o conjunto e ele vá amadurecendo aos poucos (REGENTE F).

O comentário do Regente F veio logo depois da postagem. Ao comentário do Regente F, acrescentou o Regente G:

Creio que, se não há dificuldades fisiológicas, o principal problema de alguém que não afina é o ouvido ainda pouco treinado musicalmente, então através da repetição e dos exercícios, tento gradativamente ajudar. Nas práticas em grupo, também procuro controlar a projeção e volume da voz das mesmas, e coloco alguém bem experiente é mais seguro pra estar perto dela!

Os dois regentes ressaltam a necessidade de um trabalho à parte com os coristas que têm dificuldade de afinação e de o regente incentivar uma projeção mais comedida do corista, para que o mesmo possa ouvir os demais cantores, aprimorando a percepção musical. O Regente G destaca o auxílio de outro corista e a realização de treinamento aplicado. Nesse sentido, os regentes destacam que a afinação é uma competência aprendida pelo cantor e não um talento inato.

Os regentes também destacaram uma preferência por uma atitude inclusiva para o coral de igreja evangélica. Eles preferem não fazer seleção, ou seja, aceitar toda pessoa que quiser participar do canto coletivo. Essa prática resulta na necessidade de o regente utilizar técnicas de ensino do canto, da linguagem musical e do repertório. Sobre essa atitude, comentou a Regente A:

A educação musical inclusiva - não se tratando necessariamente do público com necessidades especiais apenas, mas, qualquer público - , e a musicoterapia, modificaram meu olhar sobre os "desafinados". Percebi que o objetivo da existência de um determinado coro direciona o posicionamento quanto aos "desafinados" que nele existam. A expressão da desafinação sonora em terapia conduz a uma afinação fisiológica, emocional ou social, já em um coro profissional, essa expressão demonstra um completo descuido técnico e descomprometimento estético (REGENTE A).

Os novos conhecimentos adquiridos pela Regente A fizeram com que ela construísse ou adotasse novos significados para a palavra "desafinado". Enquanto "desafinado" comumente é entendido como aquele que não consegue cantar na tonalidade ou reproduzir um som histórico e culturalmente estabelecido e, geralmente, no contexto do sistema tonal, a desafinação pode ser entendida à luz da musicoterapia ou do coro profissional. É possível inferir, a partir da contribuição da Regente A, que a desafinação vocal pode ser relativizada e pode ser trabalhada pelo regente a partir de uma perspectiva mais humana e pedagógica. No decorrer da discussão, a Regente A reforça esse posicionamento afirmando: "não desprezo os

critérios estilísticos de acordo como o propósito do coro, mas, em corais de igrejas prefiro que as vidas cantem” (REGENTE A).

## Considerações Finais

A partir dos primeiros dados levantados pela pesquisa, a formação de regentes de corais em igrejas evangélicas tem se mostrado um assunto relevante que pode suscitar discussões significativas para a Educação Musical, para a prática de regência de corais e para o entendimento das práticas pedagógico-musicais que acontecem em contextos religiosos. A experiência compartilhada dos regentes pontua aspectos das trajetórias de formação relacionados ao contato inicial com o canto coral e as primeiras tentativas de liderança de grupos vocais. Pontua também aspectos da rotina dos regentes de corais em Igrejas que exigem um tratamento especial, tais como os cuidados com os valores e tradições das diversificadas denominações evangélicas, a definição de uma política de inclusão ou seleção de membros coristas, as estratégias usadas com os coristas com dificuldade de afinação e a escolha de repertório.

A discussão desses pontos no grupo “Regência de Corais em Igrejas Evangélicas” e a análise inicial das contribuições dos regentes participantes pode esclarecer questões e ampliar possibilidades, através de um modelo de compartilha colaborativo que merece ser estudado e aplicado a outras questões de pesquisa. Os conceitos de cultura (GEERTZ, 1989), cibercultura (LEVY, 1999) e comunidade virtual (KOZINETS, 2014) foram úteis para compreensão inicial das dinâmicas das redes sociais. O conceito de formação como evolução profissional contínua aponta para o entendimento de que os regentes permanecem se aperfeiçoando nas Igrejas onde atuam (FLORES; CARVALHO; SILVA, 2016). Mais pesquisas nessa modalidade podem ser realizadas, a fim de que seja aprofundada a questão da formação de regentes de coral nas Igrejas Evangélicas.

## Referências

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Comunicação Cibernética**. Porto Alegre, n. 20, 2008, p. 34-40.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knapp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRITO, Carlos Renato de Lima; MOURA, Cícero Rael Alves; ANJOS, Francisco Weber. Educação Musical e Religião: olhares acerca do ensino de música na Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte. 9, 2013. In: CONFERENCIA LATINOAMERICANA DE EDUCACIÓN MUSICAL Y CONFERENCIA PANAMERICANA DE EDUCACIÓN MUSICAL. *Anais da IX Conferencia latinoamericana de educación musical y II Conferencia de educación musical*. Santiago: ISME, 2013a.

BRITO, Carlos Renato de Lima. **Educação Musical e Igreja Evangélica**: O ensino de música no cotidiano da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte. 2013. 52f. Monografia (Licenciatura em Música) — Centro de Letras e Artes, Departamento de Letras e Artes, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2013b.

BRITO, Carlos Renato de Lima. Music Education of organists in a Evangelical Church. 31, 2014. In: ISME WORLD CONFERENCE ON MUSIC EDUCATION. *Anais da XXXIII ISME World Conference on Music Education*. Porto Alegre: ISME, 2014.

BRITO, Carlos Renato de Lima. **Aprendizagem de música no cotidiano das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte**. 2016. 125f. Dissertação (Mestrado em Música) — Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

COSTA, Patrícia. Coro juvenil nas escolas: sonho ou possibilidade? **Música na Educação Básica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2009, p. 83-92.

FLORES, Maria Assunção; CARVALHO, Maria de Lurdes; SILVA, Carlos (org.). **Formação e aprendizagem profissional de professores**: contextos e experiências. Santo Tirso: De facto, 2016.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

IBARRETXE, Gotzon; DÍAZ, Maravillas. La figura del diretor de coros infantiles: passos hacia la profesionalización. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 9, p. 7-13, mar. 2008.

KAUFFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió: Edufal, 2013

KERR, Samuel; KERR, Dorotéa. **A atividade musical evangélica no Brasil** – por uma pedagogia musical. Caixa Expressiva, Periódico da Associação Brasileira de Organistas, v. 14, p.25-32, 2003.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRUEGER, Patti. Ethnographic research in Music Education. **Journal of Research in Music Education**. Vol. 35, nº 2, 1987, p. 69-77.

LAKSCHEVITZ, Eduardo (org.). **Cadernos do Painel**: a preparação do regente. Rio de Janeiro: Oficina Coral, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NOVO, José Alessandro Dantas Dias. **Educação Musical no espaço religioso**: um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa-Paraíba. 2015. 146f. Dissertação (Mestrado em Música) — Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

OLIVEIRA, Mário André Wanderley; SANTOS, Maria Zélia Matias. Formação musical na e para a Igreja: um estudo junto a uma Igreja Congregação Cristã no Brasil na cidade de João Pessoa. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 20, Vitória. *XX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical*. Vitória: ABEM, 2011. p. 1180-1187.

PARTTI, Heidi. Cosmopolitan musicianship under construction: digital musicians illuminating emerging values in music education. **International Journal of Music Education**. 2014, Vol. 32 (1), p. 3-18.

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RECK, André Müller. **Práticas musicais cotidianas na cultura gospel**: um estudo de caso no ministério de louvor *somos igreja*. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa 4 – Educação e Artes, da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

SANTOS, Leilane Gama. **Consumo e produção musical na internet**: uma análise netnográfica sobre jovens do Distrito Federal. 2015. 102f. Monografia (Bacharel em Publicidade e Propaganda) — Faculdade de Comunicação, Departamento de Audiovisuais e Publicidade, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, Osvaldir da. **Música e religiosidade**: conteúdos e processos de ensino e aprendizagem da música na Congregação Cristã do Brasil. 2010. 56 f. Monografia (Licenciatura em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

TEIXEIRA, Lúcia Helena Pereira. **Coros de empresa como desafio para formação e atuação de regentes de corais**: dois estudos de caso. 2005. 185f. Dissertação (Mestrado em Música) —

Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

UTSUNOMIYA, Mirian Megumi. **O regente de coro infantil de projetos sociais e as demandas por novas competências e habilidades**. 2011. 130f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Comunicação e Artes, 2011.

WALDON, Janice. Locating narratives in postmodern spaces: A cyber ethnographic field study of informal music learning in online community. **Action, Criticism, and Theory in Music Education**, 10 (2), 2011, p. 31-59.

WALDON, Janice. Youtube, fanvids, forums, vlogs and blogs: Informal music learning in convergent on- and offline music community. **International Journal of Music Education**. 31 (1), 2012, p. 91-105.